

UMA SEMANA AGITADA

por Mário Soares

1. A semana que passou foi particularmente agitada, no plano político. Após o choque inesperado das eleições europeias, foram marcadas, finalmente, as eleições legislativas (para 27 de Setembro) e as autárquicas (para 11 de Outubro). O que significa que não há tempo a perder, dado que Agosto é um mês de férias, Julho, em parte, também é e vai passar a correr, restando Setembro, com três escassas semanas. Uma situação nova - e difícil - para todos os Partidos.

Ora, no meu entender, as eleições legislativas são de natureza muito diferente das europeias, visto estas terem sido, em Portugal, essencialmente de protesto contra Sócrates e o PS, em que todos os protagonistas, da Esquerda e da Direita, estiveram bastante aguerridos e empenhados, centrados num único adversário: Sócrates. Acompanhados, aliás, pela quase totalidade da Comunicação Social e utilizando o mal-estar gerado na sociedade pela crise que nos afecta, como a todos os nossos parceiros europeus. Alguns até, como a nossa vizinha Espanha, em bem pior situação do que a nossa, por razões que nos transcendem, visto serem de natureza quase exclusivamente global.

As eleições legislativas implicam escolhas que têm a ver, fundamentalmente, com o nosso futuro colectivo para os próximos quatro anos. Atenção, portanto. O eleitorado faz nelas escolhas decisivas, das quais, se forem más, não se poderão depois queixar. Implicam, portanto, comparações entre os líderes que as disputam, as intervenções e debates em que participam, os programas e promessas que fazem, para atrair os eleitores, e a sua credibilidade.

Sucede que, sendo os partidos todos iguais, no sentido de nos merecerem o mesmo respeito, a única coligação que pode vir a fazer-se é de Direita, entre o PSD e o CDS/PP e, mesmo assim, põe problemas e dificuldades a ambos os Partidos. À Esquerda, dada a rivalidade crescente entre o PCP e o Bloco, e de ambos com o PS, também não é plausível que, antes das eleições, possa surgir qualquer coligação. Sócrates disse que só fará "uma coligação com o País", com o objectivo de "vencer a crise". Assim, a única escolha efectiva que, no actual xadrez político, o eleitorado pode fazer é entre a Direita, com ou sem CDS/PP e o PS. Serão, desta vez, realisticamente, os dois Partidos que poderão concentrar o chamado voto útil, mais do que no passado, dada a divisão que se extremou entre a Direita (PSD) e a Esquerda (PS).

Os outros partidos, poderão ter uma presença maior ou menor na Assembleia da República, mas não têm qualquer probabilidade de participar na escolha do Governo. Ninguém tem mais pena do que eu, desta situação. Nos últimos anos, com efeito, empenhei-me em estabelecer pontes e convergências à Esquerda, que se revelaram impossíveis. A culpa não será exclusiva de ninguém. É certo. Mas cabe, maioritariamente, ao Bloco e ao PCP, que com crescente agressividade - e em competição - fustigaram quase exclusivamente o PS e, em especial, Sócrates. Para quê? Respondo: oxalá não seja para dar a vitória ao PSD ou para tornar o País dificilmente governável. Se isso vier a

acontecer - espero que não - poucos meses depois, serão os primeiros a arrepender-se. Porque, ao contrário do que dizem, PS e PSD são muito diferentes no exercício do poder. Não obstante o chamado "centrão de interesses", que deploro, como socialista, mas que tem peso na política.

Até o Papa Bento XVI, ao anunciar uma próxima Encíclica Social, já fala na "necessidade de mudar o paradigma de desenvolvimento", baseado no valor "da dignidade no trabalho e da necessidade da centralidade da pessoa humana". Numa carta dirigida aos dirigentes mundiais do G8, que se reúnem proximamente em L'Aquila (Itália), Bento XVI pede que "a ajuda ao desenvolvimento passe pela valorização dos recursos humanos, por ser uma das principais soluções para ultrapassar a crise" e para "reformular a arquitectura financeira internacional", sem esquecer "a ética nas medidas anti-crise".

Infelizmente, a Direita portuguesa está longe de compreender estes apelos, porque espera poder superar a crise sem mudar de paradigma financeiro, económico, ético e político. Mantém a ilusão que a crise possa passar e tudo fique na mesma...

No mesmo sentido, na União Europeia, os dirigentes, incapazes de fazer avançar o projecto institucional europeu e recusando mudanças estruturais, estão sem rumo, paralisados, insistindo nos mesmos rostos do passado e nas mesmas (inúteis) pseudo-soluções. Essa paralisia começa a tornar-se muito perigosa para todos os Estados membros. Distanciam-se, assim, da nova política da América de Barack Obama, que está a ter resultados internacionais espectaculares...

2. Voltando à última semana, politicamente tão agitada, citarei alguns eventos significativos: a entrevista de Sócrates a Ana Lourenço na SIC, publicada integralmente na revista Plenitude; Dias Loureiro, não obstante os repetidos desmentidos (e as faltas de memória) foi declarado arguido no processo do BPN e ou da S.L.N., empresa proprietária do respectivo Banco; Jardim Gonçalves e outros ex-administradores do BCP foram também declarados arguidos no respectivo processo; como João Rendeiro, após algumas semanas com os depositantes defraudados a manifestarem-se em fúria à porta do BPP; o caso (inútil) de um projecto de compra de 30% da TVI pela PT e a célebre golden share que fez com que o Governo, finalmente, se opusesse à compra; foi nomeado um novo Provedor, um ano depois do antigo, Nascimento Rodrigues, aliás excelente, ter anunciado a sua vontade de não continuar, estabelecendo-se, com aparente facilidade, um consenso em redor de Alfredo José de Sousa, antigo Presidente do Tribunal de Contas; o último debate do Estado da Nação e o ridículo e infeliz incidente que o marcou, provocado pelo Ministro da Economia, Manuel Pinho, que em consequência foi demitido; e, finalmente, os portugueses sentem-se felizes, apesar de pobres e em dificuldades, o que parece, paradoxalmente, ter desagradado muito à Comunicação Social...

Não posso, como é óbvio, comentar cada um dos assuntos citados - e outros que terei omitido - por saber que alguns deles se irão apagar, naturalmente, com a espuma do tempo... Mas, na linha das reflexões, que tenho tentado partilhar com os leitores, não quero que passem em claro três ou quatro, que me parecem mais significativas.

Primeiro. Na entrevista à SIC Sócrates fez, com serenidade e bom senso, uma sóbria auto-crítica, reconhecendo ter cometido alguns erros, durante os anos do seu Governo. Disse que se ganhasse de novo as eleições formaria um novo Governo, com o objectivo fundamental de superar a crise, combater o desemprego e lutar contra as desigualdades sociais. Como reagiu a Comunicação Social? Dizendo que "o animal feroz, se tinha transformado em cordeirinho"... Se não tivesse reconhecido erros, os seus críticos diriam que era autista, arrogante e incapaz de compreender as dificuldades em que estamos. Isto é: "preso por ter cão e preso por não ter"...

Segundo. Vários meses depois de conhecida a crítica situação em que se encontram alguns Bancos, o Ministério Público declarou arguidos, alguns administradores. Porque o fez tão tarde? Por pressão da opinião pública ou por Bernard Madoff, o burlão do século, ter sido condenado, na América, em tempo recorde, a 150 anos de prisão? Seja como for, para reprecipitar a Justiça. Agora o que é necessário é que os processos cheguem rapidamente ao fim, não prescrevam e os culpados, com sentenças transitadas em julgado, não fiquem impunes...

Terceiro. Se era possível chegar tão rapidamente a acordo quanto à escolha do novo Provedor de Justiça, por que razão, os dois principais Partidos (PS e PSD) prolongaram, durante um ano, um braço de ferro inútil e que só os deixou mal...?

Quarto. No último debate sobre o Estado Nação os respectivos intervenientes tiveram discursos consistentes e interessantes. O primeiro ministro esteve particularmente bem: contundente, sem ser agressivo, sorridente e até com graça. Eis senão quando se deu o incidente - que não passou de um "fait divers" de mau gosto - provocado pelo ministro Manuel Pinho. A Oposição, a justo título, indignou-se. Sócrates interveio. Em nome do Governo, pediu desculpa ao Parlamento e aos parlamentares. E demitiu, na hora, o Ministro. Foi um acto de respeito pela Assembleia, que só lhe ficou bem. Contudo, pouco depois, só se falava no "fait divers", o debate foi intencionalmente esquecido, Pinho passou a ser um grande ministro e Sócrates e o Governo, considerados desorientados, nervosos e sem rumo. Assim vai a política portuguesa...

3. É o Povo Português feliz, como se diz? A mim não me espantou o resultado do inquérito feito. Há desigualdades sociais, pobreza, incerteza quanto ao futuro? É certo. Mas comparemo-nos com o resto do Mundo - e mesmo com a Europa - e tenhamos consciência dos progressos realizados nos últimos 35. Somos um Povo livre, não andamos descalços, a água e a electricidade chegou a toda a parte, deixámos de estar isolados, todos têm acesso ao ensino, desde que estudem, aos Serviços de Saúde, que não nos envergonham, à Segurança Social. Diminuíram as discriminações quanto às minorias étnicas ou de género. Somos um Povo amável, como tal reconhecido no estrangeiro, que vive em paz, com um clima excelente, uma paisagem luminosa, temos legítimo orgulho no nosso passado histórico e confiança no futuro e nas novas gerações.

Sim, o Povo Português tem razão em se sentir feliz. Temos intelectuais que se comprazem em dizer mal de nós próprios e da nossa terra. São uma nova espécie dos "vencidos da vida" do século XIX, sem o talento que eles tinham...

Lisboa, 7 de Julho de 2009